

povo. Em 2009 vem a conquista do processo de regularização do território pela Funai.

Hoje, Dona Emília contribui para as pesquisas sobre a resistência Pankará através de sua memória, pois enquanto personagem que viveu e sofreu todo processo de luta, guarda toda sabedoria e a transmite para os mais jovens, sendo fonte viva de nossa história.

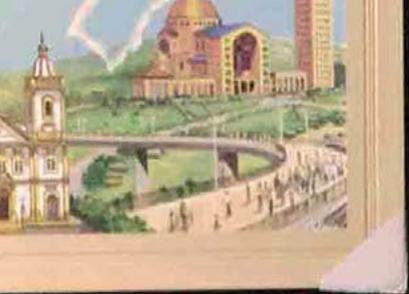
Relata com muito orgulho de ser a mãe de grandes guerreiros e guerreiras, da cacica Dorinha, de Maria Emília e Manoel Pedro, fortes lideranças que buscam incansavelmente melhorias para o Povo Pankará. Diz que esse orgulho é fruto de uma cul-

tura que não deixou morrer, que apesar de todos os problemas que enfrentou, os perseguidores do povo não lhe tiraram o que tem de mais precioso, que é a sua identidade.

Atualmente, com mais de 80 anos de idade, conta Emília Olindina que vive rodeada do carinho de seus filhos/as, dos/as netos/as e bisnetos/as. Afirma com muita altivez que hoje pode dar aos seus familiares momentos de alegria, que as histórias vividas só servem para fortalecer a luta que foi e é muito intensa ainda. Diz ainda que não se intimida porque tem ao seu lado a força dos Encantados que protegem e orientam mostrando os sinais.









# Dona Marinha

*Maria Francisca dos Santos*



por *Jaqueline Maria dos Santos*

Maria Francisca dos Santos, conhecida como Dona Marinha, tem importante participação na cultura tradicional do povo Pankararu, pois ela é uma grande parteira. Nasceu em 1933, na aldeia Jitó, local onde mora até hoje. Sua mãe, Chiquinha, foi uma importante parteira do nosso povo e transmitiu à filha os saberes do parto, das ervas e das orações. Para nós Pankararu, o parto faz parte da tradição, por isso é um tipo de saber que começa no sagrado.

Aos 25 anos de idade Marinha é iniciada e começou a fazer parto acompanhada e instruída por sua mãe, o último parto fez aos 78 anos, essa criança que ajudou a vir ao mundo é filha de uma sobrinha. Dona Marinha conta que muitas vezes largava tudo, mesmo

cansada, para atender as pessoas que vinham chamá-la para fazer um parto, porque ela gostava de ajudar ao próximo e se sentia feliz com o que fazia.

Durante a infância ouvia de sua avó a história de luta do povo Pankararu, “minha vó Lorença dizia que antes tinha muita riqueza de fontes de água, a terra era boa de plantio, por isso os fazendeiros tomaram as terras dos índios e expulsaram”. Explica que foram muitas dispersões, mas a resistência no Brejo dos Padres foi maior até que conseguimos a demarcação das terras.

De todas as histórias e saberes do nosso povo, a felicidade de Dona Marinha está no dom de ajudar a trazer vidas ao mundo. Ela conta que na aldeia não tem alegria maior do que ver os pais e as mães felizes com a chegada de seu filho ou filha com saúde. Gosta



da hora de soltar os fogos avisando a todo mundo que o(a) filho(a) nasceu. Os pais soltam dois fogos se for mulher e três fogos se for homem.

Dona Marinha explica que as mulheres precisam de um grande repouso após o parto, por exemplo: não sentar de qualquer jeito, seguir um tipo de alimentação específica ensinada pela parteira, se banhar somente com remédios encontrados dentro da aldeia como marcela, arruda, casca de cajueiro, etc. São plantas medicinais do conhecimento das parteiras: a marcela serve para limpar as sujeiras do parto que ficam dentro da mulher, e hoje essa planta está reduzida na mata, encontra-se apenas na beira do rio. A casca do cajueiro se coloca de molho e a água é ingerida para ajudar a cicatrizar ou “fechar o útero” e também para fazer os banhos de assento. O mastruz também é usado para beber ou amarrar na cabeça para combater dores e infecção. A laranjeira é usada para acalmar os nervos, serve-se o chá após o parto. A catingueira é amarrada no pé da barriga por causa da morfina, para o útero voltar ao seu devido lugar.



